

O Ônus e o Bônus da Consolidação Bancária

Em momento de crise bancária, vale tudo para evitá-la. Vale o Itaú comprar o Unibanco sem muito ouvirmos do CADE (autarquia que defende os consumidores de elevado poder de monopólio). Vale o Banco do Brasil comprar a Nossa Caixa sem licitação. Vale o salvamento de bancos de médio porte que tem seu negócio inviabilizado pelos descasamentos cambial e de prazo. Mas salvar o sistema de pagamentos, não é o bastante. É preciso que os bancos beneficiários da mão bondosa do governo e bancos que se valem da reputação de serem governo sigam renovando seus empréstimos para as empresas que apostaram no continuado desenvolvimento do Brasil. Afinal, retirar créditos de bons projetos hoje, pode gerar uma crise bancária no futuro.

Parece que chegamos a uma situação paradoxal: com a MP 443 o governo (leia-se BB e Caixa) está autorizado a comprar bancos para evitar a quebra do sistema financeiro. Mas o que traria confiança gera incerteza. Bancos privados que aguardam a solução do governo estão parados sem renovar crédito aguardando uma diretriz e os bancos do governo também estão parados fazendo caixa para adquirir bancos em dificuldade. É preciso que as decisões sobre o sistema financeiro sejam tomadas com velocidade para que as conseqüências do problema no setor financeiro sejam mais amenas para a produção e o emprego.

Anunciar pacotes de salvamento de setores específicos é excelente para mostrar serviço à população e atender interesses privados, no entanto, o que o país precisa é que o sistema financeiro volte a funcionar de modo geral. Não há porque privilegiar setores. Há que se privilegiar projetos que façam sentido e gerem caixa. Caso os projetos já em andamento sejam preteridos, os bancos terão dificuldade de receber no futuro os créditos já concedidos. Ou seja, decisões erradas hoje podem abalar o nosso sistema financeiro no futuro.

Outro custo da consolidação bancária e do aumento da participação estatal na concessão de crédito é diminuição da oferta de parceiros para negócios e a elevação do poder de oligopólio. Bancos hoje cobram tarifas altas e taxas de juros muito acima da taxa de juros básica do governo (spread bancário alto). Claro que o preço que os brasileiros e as nossas empresas não financeiras pagam por esses serviços deverá subir em um mercado menos competitivo.

Uma das razões pelas quais as tarifas e o spread bancário são altos é o fato de o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal também cobrarem preço muito alto pelos seus serviços financeiros. Com a nova intervenção estatal que está se desenhando hoje, é tempo de uma reestruturação nessas instituições para que os preços de serviços financeiros aqui nos trópicos fique mais em linha com padrões internacionais. Uma vez que os agentes financeiros estatais reduzam seus preços, os seus competidores privados terão que acompanhar.

Em resumo, a consolidação bancária é positiva porque mitiga o risco de um colapso do sistema financeiro e, portanto do sistema de pagamentos. No entanto, ela precisa ser equacionada com velocidade para evitar prejuízos para o setor real. O ônus da consolidação bancária é a diminuição da competição no mercado de concessão de crédito e de serviços financeiros. Para evitar perda dos consumidores é preciso que o governo se valha de sua posição preponderante no setor e regule o mercado oferecendo serviços financeiros a preços mais competitivos.